

ANTÓNIO OSÓRIO

Entrevistado por Maria Augusta Silva

EXCERTOS DA ENTREVISTA EM MODO ÁUDIO

OUTUBRO 2004

Gostaria que as pessoas sentissem alguma coisa com os meus poemas; que possam porventura ter vontade de dizer: «Aqui está alguém que não foi um safado quando escreveu isto».

(...) Na justiça nem tudo corre como é desejável; esperemos que se consiga pôr cobro a uma série de formalismos, e, além disso, que hajam formas de justiça alternativa como a mediação, a arbitragem.

(...) O poder político não o ambiciono. Estarei sempre na primeira linha a bater-me para que não se destrua a paisagem; para que se defenda o lobo; para que a paz exista entre os homens.

Poesia faz-se de grandes sentimentos ou de grandes pensamentos?

Faz-se, sobretudo, de grandes emoções, porque os sentimentos são fugazes e aleatórios. Há emoções que não passam, pelo contrário, vão-se fortificando dentro de nós.

Não é o sentimento que conduz à emoção?

Um sentimento depurado, iluminado. Procuro que a minha poesia não seja sentimentalista mas sim plena de emoções. Falo de emoções porque é o amor pelo outro, o amor pelo mundo, liberto das contingências pessoais; procuro escrever alguma coisa que me transcenda, que esteja próximo dos outros.

Uma poesia habitada pelo real que transfigura?

Muito atenta às vicissitudes do real. Há um segredo do real que gostaria de perceber e ainda não consegui: o segredo das quatro estações.

Vivaldi não lhe ensina nada sobre isso?

Ensinou-me a amar esse segredo mas gostava de entendê-lo. Estou em Lisboa e vejo as olaias a florir; vou para Azeitão ou para outro sítio qualquer e sei que estão a florir ao mesmo tempo. Por que está este mundo tão bem organizado no que diz respeito ao mundo vegetal?

Essa sintonia não é rigorosa. O que floresce neste momento aqui não está a florescer, por exemplo, nos trópicos...

Existe lá, também, a sua ordem. Há um dom ubíquo. Por que é o mundo tão perfeito nestas coisas e tão imperfeito noutras? Haverá alguma coisa mais espantosa do que o movimento das constelações?

Existirá mão divina?

Não sei. Quando o homem indaga tais coisas... Não é só a guerra e a morte, como, por exemplo, a do Iraque. Não impressiona menos a destruição tenaz da própria imagem, das nossas raízes. Um facto terrivelmente significativo – a pilhagem no Museu de Bagdade de 170 mil objetos de arte com sete mil anos de história. Esta destruição é como se o homem odiasse as suas origens. Nem escapou aquilo que tinha sido feito de mais notável: o alfabeto foram os iraquianos que o inventaram. Como é possível? Como é que de um lado há a harmonia das esferas e, do outro, a crueldade desmedida dos homens?

Crueldade não começa na própria guerra e no terrorismo?

Como dizia Hesíodo da velhice, a guerra é maldita e funesta. E o terrorismo é o caminho próprio da guerra.

Com a sua poesia procura ir ao encontro da luz?

Aspira a isso, embora não ignore as trevas. Mas o importante da nossa vida não é a noite, é o dia.

Do movimento das constelações faz parte a noite...

Há um verso meu: “Anda ver, Lucrécio, as tuas constelações. / Na noite bebem, animais vagarosos”. De facto, as constelações bebem na noite; a noite faz parte da

vida de todos os homens, porventura para sabermos amar melhor a luz.

«À sabedoria da dúvida preferem alguns a sabedoria da busca», refere num dos seus aforismos mágicos. Esse o caminho?

É esse o caminho que tenho percorrido. Mas apesar da busca há muitas, muitas dúvidas que persistem. O mistério da criação... Às vezes chego a pensar que Deus se barricou nas constelações. Por temor aos homens.

Para o poeta, os textos bíblicos são «um bem de raiz»?

Cada um escolhe os seus textos bíblicos. *Génesis, Livro de Job, Provérbios, Cântico dos Cânticos, Evangelhos, Juízo Final* são os meus textos. Bens pertencentes, sem dúvida, às nossas raízes. Uma das mais belas criações sobre os enigmas de Deus e dos homens.

George Bataille faz notar que a humanidade visa dois fins: vida e morte. Ao intensificar a vida na sua poesia será a maneira mais eficaz de fugir à morte?

Uma forma de a enfrentar. A minha poesia é a de alguém que profundamente abomina a morte, mesmo sendo uma poesia que evoca muitos mortos: familiares, amigos, grandes poetas, pintores. Não quero, contudo, ser um cúmplice da morte.

No seu livro, *A Ignorância da Morte*, ela está presente embora a interrogue muito...

Não a ignoro. Interrogo-a e às vezes escrevo como se ela não existisse. No poema *In Memoriam*, dedicado a meu pai, digo: "Assim te amo agora sem lágrimas. / Que deste modo teus netos / um dia se recordem de mim, / na tua, minha e deles / pura ignorância da morte". Tive há dias um desgosto grande: um dos meus netos, o António, com seis anos, disse-me: «Avô, tudo tem um fim. Onde está o Bravor (cão) que morreu?» António deu-me assim a entender que já sabe da existência da morte, não está na sua ignorância. A morte, aliás, é bem visível hoje, inclusive exhibe-se na televisão.

Admite que, em dadas circunstâncias, a morte possa ser libertadora?

Há doenças piores do que a morte. A de Alzheimer, por exemplo. O ser humano torna-se num miserável fragmento.

Defensor da eutanásia?

Não sou.

E o suicídio?

Associo-o a um sofrimento inexorável, as pessoas não o merecem. Amando Antero, desde a juventude, sofri e sofro

com a morte dele. Naquele banco de jardim, na própria terra.

Acabará a morte por ser sempre uma traição?

Muitas vezes é uma tremenda injustiça, por exemplo, a morte de pessoas novas; bastará lembrar Schubert, Cesário Verde, Keats, Mário Botas. Somos finitos, mas há casos em que a morte é realmente infame

Dão-se conflitos entre o poeta e o advogado que é? Tem de gerir alguns antagonismos?

O único conflito: o poeta precisava de ter mais tempo do que o advogado. Não existem antagonismos; o poeta é uma coisa e o advogado outra. Considero a minha profissão digna, não está à altura da poesia, mas é uma profissão indispensável para ajudar quem sofre, tão importante como a do médico. Entra neste gabinete gente que vem colocar os seus problemas, as suas aflições e angústias. A minha obrigação de advogado, a minha arte, é fazer com que as pessoas saiam pelo menos mais confiantes, mais tranquilas do que quando entraram.

Prefere ocupar-se de pequenos casos?

Estou ao serviço de todos, eu e qualquer outro advogado.

Como lida com o crime?

Fui durante alguns anos advogado de questões criminais. Mas é tão confrangedor apercebermo-nos do que os

homens são capazes de fazer... Afastei-me. Preferi outras causas. O Direito do Ambiente é hoje a área que mais me apaixona.

Nunca lhe aconteceu não ter conseguido fazer cumprir o sentido de justiça?

Todos os advogados sofrem grandes deceções; estamos sujeitos à justiça dos homens, que nunca foi perfeita. Há causas que vivemos com entusiasmo e, depois, podem vir a ser julgadas de uma forma menos justa. De um modo geral, não me posso queixar muito da justiça dos homens. Queixo-me do seu lamentável atraso.

Atraso nos processos judiciais é uma outra forma de injustiça?

Uma grande injustiça. Tive um caso de um cliente suíço cujo processo demorou cerca de 15 anos. Ele não podia crer que tal fosse possível...

Foi bastonário da Ordem dos Advogados, conhece bem a situação. Não lhe parece que continua a falar-se muito e tudo fica na mesma?

A Ordem dos Advogados tem feito, ao longo dos anos, um grande esforço para melhorar a situação da justiça. Mas nem tudo corre como é desejável; esperemos que se consiga pôr cobro a uma série de formalismos e, além

disso, que hajam formas de justiça alternativa como a mediação, a arbitragem.

De que modo poderiam ser estruturadas formas de justiça alternativa?

As questões mais difíceis deveriam ser confiadas a um tribunal formado por juristas de reconhecido mérito, que julgariam segundo a equidade, num prazo o mais curto possível. Seria uma maneira de libertar os tribunais de muitas questões complicadas e dar-lhes tempo para os problemas mais simples.

Segredo de justiça deve existir ou não?

Dentro de razoáveis limites. Há um momento em que o segredo de justiça deverá ser revelado porque o arguido tem o direito de conhecer todas as provas e de fazer a contraprova. O segredo de justiça é só para a fase inicial do processo. E insurjo-me contra a justiça mediatizada. Os tribunais não podem ser substituídos pelos media.

Voltemos à poesia. O seu verso, parecendo de uma grande simplicidade, é revelador de uma técnica muito apurada. Trabalha obsessivamente um poema?

Quando era mais novo sofria de um certo perfeccionismo, tinha dificuldade em considerar os poemas concluídos; parecia que me faltava sempre uma palavra ou que podia ser outra. Nós, juristas, temos de fazer Medicina Legal e

assistir a autópsias, é uma experiência horrível. Em *Libertação da Peste*, tenho um poema, *Morgue*, feito há uns 40 anos e só publicado em 2002. Não estava satisfeito com este poema...

Conseguiu mais tarde moldá-lo a contento?

Um dia, pego nessa elegia e acrescento-lhe uma palavra, o adjetivo que faltava. Terminava assim: "nem a mortal exalação"; achava isto vulgar, "mortal exalação". De repente, veio a palavra "fétida". Era a palavra que buscava, e ficou: "nem a mortal, a fétida exalação". Esperei por esta palavra 40 anos!

Podia ser o poeta com o registo que tem se não houvessem em si raízes tão fundas como as que partem de uma mãe italiana da região de Toscana?

Nasci de uma mulher que teve na minha vida uma influência muito grande. A minha mãe veio com 32 anos para Portugal, e passar de Florença para Setúbal foi-lhe penoso. O meu pai sempre que podia ia a Itália, falava corretamente o italiano. Eram ambas pessoas cultas, a minha mãe, professora de Letras, mas não o foi em Portugal; passei a ser uma espécie de aluno dela e uma ponte entre Setúbal e Florença.

Fez um dos mais belos poemas em língua portuguesa para uma mãe. «Mãe que levei à terra» (...). Cordão umbilical nunca cortado?

(Pausa profunda. A voz, depois, em sussurro).

Tenho uma ligação e uma admiração pela minha mãe... Como tenho pelo meu pai, mas a mãe é mãe, tenho por ela um amor... Todos os filhos são assim.

Um homem não deve ter vergonha de chorar...

Não. Desculpe. Comecei a fazer esse poema junto à campa da minha mãe. Também devo muito ao meu pai, que me lia Camões, Pessanha, Cesário. Não devia contar isto: Tinha uns 12 ou 13 anos, e um dia, no Liceu de Setúbal, o professor de português falava comigo e comecei a dizer de cor Camões e, a seguir, passagens da *Divina Comédia*. Deu-me 20 valores. Era bom aluno mas foi o único vinte que tive na vida. Minto. Também em Medicina Legal. Havia uma cadeira de Psicologia Forense, salvo erro, e desviei a conversa para os heterónimos de Fernando Pessoa. O examinador era o psiquiatra Prof. Barahona Fernandes, um homem culto, um admirador de Pessoa...

Como viveu, aos sete/oito anos, a ameaça da tuberculose?

Um choque duro, demais numa ocasião em que havia a crença de que a tuberculose era o inimigo número um, e era. Tratou-me o dr. Chancerelle Machete (pai do dr. Rui Machete); proibiu-me de imediato a praia, eu que adorava

a Praia de Troia. Aconselhou os meus pais a levarem-me para os ares da serra do Louro, um dos mitos médicos nesse tempo. O meu pai comprou uma nesga de vinha e construiu a primeira casa de residência secundária em Palmela; não por luxo, mas para dar saúde ao filho mais velho. A mãe foi a arquiteta, desenhou a casa, modesta, que existe ainda; desenhou-a com uma *loggia*, e a porta de entrada tem um azulejo italiano que diz: *Pax et Bonum*, de São Francisco de Assis. Paz e Felicidade.

Tem sobre a mesa-de-cabeceira uma reprodução de *Cantico delle Creature*, de São Francisco de Assis. É bom contar com um santo protetor?

Para mim, é o santo dos santos; o santo dos pobres, dos animais, o santo da bondade. A força espiritual daquela pequena Igreja de São Francisco, na cidade de Assis, é imensa. Se há alguma prova da existência de Deus, creio que será São Francisco de Assis.

Goethe também andou por Itália, viveu em Roma. Parece-lhe que a poesia dele tem mais influências italianas do que alemãs?

Sofreu influências de grandes vultos da época e não só italianos. Fazia parte da formação de todo o artista uma viagem de norte a sul da Itália. A Itália era a universidade itinerante dos poetas, dos pintores, dos músicos.

Sentem-se em si as presenças de Cristo e Buda, além da influência de poetas orientais como Bashô. Se em cada prato da balança colocarmos um e outro, a balança equilibra-se?

Talvez penda para o lado de Cristo. Mas não posso esquecer a poesia oriental, a espiritualidade búdica. Devo isso à minha tia Maria Valupi, que fazia ioga na sociedade lisboeta dos anos 40; mandava vir livros de Paris.

Prende-se com essa convivência a sua aproximação ao sagrado?

Certamente. Não faço ioga mas contemplo a natureza, observo e escrevo.

Na poesia que nos dá, o sagrado aparece por meio de uma técnica de elipse, não se mostra, por exemplo, como num Rilke...

Infelizmente, não. Mas creio estar lá, ou, pelo menos, a lamentação do sagrado. A busca, a procura, o desejo de ver claro.

Acaba por ter duas pátrias: portuguesa e italiana. A pujança da cultura italiana, nos diferentes domínios, influenciou-o na musicalidade e na forma de esculpir o poema?

Devo muito à arte italiana, não apenas à arte poética. Duas grandes paixões: a pintura, não só a do Renascimento mas

também a grande pintura espanhola e portuguesa. Leonardo da Vinci, Miguel Ângelo, são monstros sagrados meus, tanto como Camões e Gil Vicente, Camilo ou Pessoa. E a música. Sou um homem que procura conviver com duas grandiosas tradições. Todavia, tenho orgulho de ser português.

Não é um desertor...

Não deserto da cultura portuguesa. Sou da cultura mediterrânica, que vem dos gregos, reparte-se pela Itália, França, Espanha, Portugal. Nós, portugueses, fomos ao Brasil, África, ao Oriente. Conheço o Brasil; é uma lição ir a Ouro Preto. As pessoas que têm preconceitos sobre o colonialismo português, em Ouro Preto não se arrependem de ser portuguesas. Pertencço à tradição universalista que foi a nossa, nos Descobrimentos.

Que erros houve na expansão portuguesa?

Alguns. Não chegávamos a ser dois milhões e quisemos ter o mundo inteiro. Foi um projeto desmedido em que falhámos porque não tínhamos a força nem o pragmatismo dos ingleses ou dos holandeses.

Também descolonizaram...

Descolonizaram, todavia nós entrámos em decadência muito primeiro do que eles. Deixámos, porém, uma marca indelével em todos os sítios por onde andámos;

implantámos a nossa administração municipal e as Misericórdias em todo o mundo. Quando vejo raparigas brasileiras ou cabo-verdianas com aquele seu particular encanto, sinto uma ternura especial. Têm, de certeza, alguma coisa do sangue e do génio português. São filhas da nossa loucura e da nossa valentia.

A luta do povo Maubere pela liberdade e independência sensibilizou o mundo. E a si?

Eu vim para a rua gritar. E foi uma das maiores alegrias que tive: ver a vitória dos timorenses e do seu chefe Xanana, além do mais poeta.

Nasceu em Setúbal, junto à Serra da Arrábida, cantada pelo poeta Sebastião da Gama. Admira-o?

É uma das minhas melhores recordações da juventude. Conheci Sebastião da Gama por volta dos meus 16 anos, quando voltaram a dar-me “carta de alforria” para a praia, oito anos depois de ter os gânglios da tuberculose. Ia até à Arrábida com um colega. Sebastião da Gama estava lá, encantador para comigo. Teve um gesto de uma generosidade que me comoveu: preparava-se para uma conferência sobre Bocage, em Setúbal, e leu-me o texto, pedindo a minha opinião. Eu, um rapazelho, fiquei impressionado para sempre. Um dia compreendi: Bergamín diz que se aprende com os mais novos...

Quando lançou as suas primeiras obras fê-lo em edição de autor. Não encontrou editor?

Os consagrados eram editados e os novos autores passavam pelo caminho das edições de autor. Segui o conselho do poeta e querido amigo Raul de Carvalho, que me levou à Tipografia Ideal, na Calçada de S. Francisco, perto do Tribunal da Boa Hora, em Lisboa. O dono (o sr. Ramos), um homem de bom gosto, uma pessoa encantadora, foi o parteiro de uma série de poetas do meu tempo, inclusive facilitava o pagamento. Propôs-me um papel de refugio que tinha na tipografia para sair mais barato; achei o papel lindo, ainda hoje é. Ele era amigo dos poetas. Também com os tipógrafos havia uma grande cumplicidade.

Defende Gide que não se deve publicar nada senão a partir dos 40. No seu caso, principiou aos 39. É necessária uma idade para a maturação intelectual?

Há um claro exagero nisso, mas segui esse critério pela dúvida em que sempre estava. Escrevia desde os 18, e vários livros ao mesmo tempo. *A Raiz Afectuosa* é constituída por 50 poemas que fui buscar a vários livros em gestação. Depois, Eugénio Lisboa incentivou-me e apareceu *A Ignorância da Morte* (1978).

Desde o início, a crítica literária recebeu-o com entusiasmo, nomeadamente Gaspar Simões. A crítica tem atualmente bom desempenho?

Quando saíram os meus primeiros livros, na crítica literária portuguesa pontificava João Gaspar Simões; tinha uma grande qualidade: era um homem profundamente isento; e capaz de admirar. É de justiça dizer que, de um modo geral, não falhou ninguém. Hoje temos bons críticos literários, pessoas idóneas, de craveira, todavia não exercem uma crítica assídua como Gaspar Simões; durante dezenas de anos, os literatos deste País compravam o *Diário de Notícias*, à quinta-feira, por causa da crítica de Gaspar Simões.

Acha que a crítica tem sido justa relativamente a si?

De um modo geral, generosa.

Poema *Ofício*: “Armazenar sofrimento. / Distribuí-lo depois límpido”. Diz tudo neste poema mínimo?

O poeta que sou não é só isso; não armazena apenas sofrimento, também armazena alegria e procura distribuí-la. Esse poema foi escrito depois da morte da minha mãe e eu procurava ser límpido no sofrimento que tinha de exprimir.

De todos os ofícios que gosta de chamar para a sua poética, algum que mais o sensibilize? Identifico-o

sobretudo com os calceteiros, a arte, pedra a pedra, tal como o poema, sílaba a sílaba, palavra a palavra...

Admiro os calceteiros e tantos outros, os engraxadores, os vendedores de castanhas, o homem-estátua, o cabo-de-mar, mas tenho uma ternura especial pelos apanhadores de ervas. Apanham esta e aquela e mais outra erva, com nomes fabulosos, e delas se fazem remédios, mezinhas e chás que não tomo. Sou amigo de um apanhador de ervas da Aldeia de Oleiros, da freguesia de São Lourenço de Setúbal, que me ensinou nomes certamente mágicos: cardo-santo, sempre-viva, fel-da-terra, diabelha, erva do amor. É um dos meus modestos heróis.

Toma chá preto?

Não, excita-me. Gosto muito de chá de cidreira, de lúcia-lima.

Escreveu: «É triste não possuir uma casa de sementes». Os seus poemas são sementes que está a deitar à terra?

Gostaria que as pessoas sentissem alguma coisa com os meus poemas e que eu fosse digno de um pouco de estima; que possam porventura sentir vontade de dizer: «Aqui está alguém que não foi um safado quando escreveu isto».

A poesia reflete melhor a humanidade?

É a voz profunda da humanidade, a voz profunda da cultura; a voz derradeira do homem. O nosso ser apaga-se diante da grandeza e da beleza do universo e da importância de ser homem.

Encontra-se alguma ironia na sua escrita...

Uma ironia suave, não ácida.

Ironia afetuosa?

Benevolente, não deixa ninguém de rastos. É humanista.

Com a ironia vigia as emoções?

Exatamente. E há outra coisa que é a indignação. Quando acho que me devo indignar não uso a ironia, sirvo-me da indignação.

É na indignação que se sente mais próximo de Dante?

E de outros. Sinto-me próximo de Dante porque é um dos meus autores, mas sinto-me também próximo de grandes autores portugueses, dos clássicos que não posso esquecer, foram uma aquisição desde a infância.

Paixão pelos humildes, pela condição humana, pelos seres, recebeu-a, em certa medida, de Raul Brandão, de Graciliano Ramos ou de Tchekov?

Sobretudo de Raul Brandão e de Tchekov, dois entre os autores que mais releio.

Cesário Verde ajudou-o a olhar a natureza com a modernidade poética que personificou no século XIX?

Sem dúvida, deu-me a visão e a preocupação do real, assim como a poesia de Camilo Pessanha, de Antero, de Pessoa.

Tirando o caso de Pessoa, poetas portugueses dessa grandeza são pouco divulgados junto das novas gerações...

Camilo Pessanha e Cesário Verde não têm o lugar que deviam ter, embora toda a gente reconheça que são grandes poetas da nossa língua e da modernidade.

Os próprios poetas não se tornam um pouco «mauzinhos» quando procuram visibilidade para as suas propostas estéticas, esquecendo-se, por vezes, do que há de grande já construído?

As coisas têm de ser vistas em dois momentos: o da afirmação, normalmente uma afirmação da juventude, que se manifesta contra o que se faz ou se estava a fazer. Em todas as gerações isso acontece; era mais notório quando havia os grandes movimentos literários, agora não tanto. Há entre as gerações valores que não transitam. A poesia da Presença foi uma grande poesia mas hoje é impensável fazer versos como os de José Régio...

Não pode diminuir-se o valor de um Régio, situando-o num dado contexto histórico-cultural...

Nada o diminui, mesmo achando que, no domínio da prosa, o contista, o romancista, o homem de teatro, o ensaísta, não ficou aquém do Régio poeta.

Poderá dizer-se o mesmo de Torga?

Julgo que sim.

Qual o outro momento que se segue ao da chamada afirmação da juventude?

Depois, as águas tendem a serenar e justo será reconhecermos aquilo que devemos aos outros. Procuro não esquecer grandes poetas portugueses a quem devo tanto, e grandes poetas italianos a quem não devo menos, ou quase tanto; e conheço a poesia espanhola, a latino-americana, a alemã, a saxónica que é uma das grandes poesias, e a poesia francesa.

Poesia francesa fraquejou?

Não tem hoje os vultos de há 20 anos; não existem, atualmente, na poesia francesa poetas com a força de um Michaux ou de um Char.

Dos poetas do Brasil esteve muito próximo de Cecília Meireles?

Tive a sorte, ainda muito novo, de a conhecer, já se encontrava tão doente... A minha tia Maria Valupi, também poeta, era sua amiga. Assisti a uma homenagem que lhe foi prestada na Casa-Museu João de Deus. Cecília Meireles estava muito próxima de Portugal. Outros grandes escritores brasileiros me têm marcado: Drummond, Manuel Bandeira.

Prefaciou e organizou uma antologia do poeta brasileiro Carlos Nejar...

Carlos Nejar é um amigo íntimo há quase 30 anos. Conheci-o graças a Luís Amaro. Prefaciei e organizei uma sua *Antologia Poética*. Nejar e eu procurámos promover o intercâmbio entre a cultura de dois países ditos irmãos, mas afinal de costas voltadas. Queríamos publicar poetas e ficcionistas segundo um regime de reciprocidade, em edições com o apoio institucional dos dois lados.

Sonho gorado?

Infelizmente, nada se conseguiu por falta desse apoio. Nejar organizou, em 1982, uma *Antologia da Poesia Portuguesa Contemporânea*, uma das melhores, pela isenção e justeza na escolha. O livro que organizei, como digo no prefácio, é uma forma de se pagar dívida há muito vencida.

Autor de *Crónica da Fortuna*, desejou nessa obra a suprema fusão da poesia e da prosa?

Desejei, sim, mas trata-se por certo de utopia. No poema em prosa, a poesia procura conviver com esta. O ideal seria que as duas proviessem de uma mesma matriz...

Proust exercitava a memória. António Osório celebra a vida igualmente com a memória. O registo memorialista tem mais espaço na prosa ou no poema?

Mesmo na crónica procuro inventar o menos possível. Tento ser fiel à vivência e aos factos.

Agradam-lhe as traduções da sua poesia?

Tenho contado com excelentes tradutores. Devo destacar Ángel Crespo, Jose Antonio Llardent, Carlo Vittorio Cattaneo, Giovanni Pontiero, Patrick Quillier; por último, Pilar Fernández Hernández e Ernesto García Cejas.

Ambientalista convicto, presidiu à Associação Portuguesa para o Direito do Ambiente. Direitos do homem e direitos do ambiente conjugam-se ou entendem-se mal?

Neste momento, entendem-se mal, sobretudo em Portugal. Viajando de automóvel vejo o que são as urbanizações à volta de grandes cidades como Paris, Roma, Florença, Milão, Madrid; não encontro ali aquelas coisas inomináveis que são as Brandoas, a construção anárquica, a destruição da paisagem.

Vale tudo nos projetos paisagísticos portugueses?

Nesse aspeto, relativamente a Portugal, com grande dor o digo: é uma tristeza! Tenho algumas “bêtes noires” e os patos-bravos são uma delas, pertencem ao número das pessoas que mais mal têm feito a este país. Sintra é das coisas mais belas do mundo e...

Sintra, património mundial...

Património mundial, porém veja-se aquele horror quando se vai para Sintra, tudo construído em altura, não há uma árvore, cores berrantes na pintura dos prédios, um mau gosto infinito.

Lá fora não há aberrações urbanísticas?

Não digo que não haja, mas tenho visto urbanizações exemplares. Garanto-lhe que, na Toscana, nenhuma câmara deixaria fazer o que câmaras nossas têm permitido.

Qual a grande peste do século XXI?

Não é só a do ambiente. Há a peste dos fundamentalismos religiosos, das máfias, a peste da incultura, de todas a mais propagada; a exploração dos imigrantes do Leste e de África, a indiferença, que é quase tão torpe como o sensacionalismo.

O seu amor pelos animais vai da formiga ao cavalo...

Um amor fiel. Seja formiga, coelho, cavalo, lobo. O meu pai, tinha eu uns quatro anos, arrendou uma quinta, chamava-se Quinta da Azedinha, às portas de Setúbal (essa quinta desapareceu, estão lá as três assoalhadas da praxe). Das coisas mais antigas que me recordo é esta, nessa quinta: o meu pai pediu-me ajuda para a cobrição de uma coelha. O pai pôs a coelha ao pé do coelho e eu tinha o papel de não deixar a coelha fugir. Primeiro, não se queriam, ela era esquiva. Mas deu-se o encontro amoroso e assisti àquele espetáculo que foi para mim uma das primeiras lições de vida. Não sabia ainda o amor entre os humanos e aprendi-o, de certo modo, ao ver o amor entre os bichos, diferente do nosso mas igualmente compulsivo e imorredoiro. Se há coisa que não acaba, é o instinto genesíaco.

Desejou ser veterinário?

Por acaso, não. Houve sempre na família uma grande influência do Direito; o meu pai, advogado e notário; o meu tio-padrinho António, a quem devo muito, também advogado, casado com Maria Valupi; ainda um outro tio, Henrique, muito querido. Numa família de advogados, para mim era um dado adquirido, apesar de ninguém me pressionar. O meu pai preferia que tivesse sido professor de Letras.

Caçador, nunca foi?

Não gosto desses prazeres cruentos. Tenho amigos caçadores mas não os compreendo, eles também não me percebem a mim, e acabou-se.

Mas tem um poema ao caçador...

Poema malévolos, em que digo: «E até reles serventes torna os cães».

Não é tão radical relativamente às touradas. Gosta do touro e do toureiro. Há aqui qualquer coisa que não joga, ou não?

Perguntava a mim mesmo: tu, que és amigo dos animais, como podes gostar de uma corrida? Procurei perceber a corrida. Fui a Espanha, vi três corridas, fiquei elucidado. Sou contra a crueldade da morte do touro.

Toda a crueldade sobre o touro não acontece antes da estocada mortal, logo nas farpas?

Começa nas farpas, contudo não posso deixar de admirar os nossos bravíssimos pegadores. Têm que ver com o homem que desafia a morte, mas com elegância e entreaajuda.

As bandarilhas espetadas no touro devem doer...

Claro, devem doer. Ser pegador é, no entanto, digno de um herói grego. Para além da violência do espetáculo, quis perceber a alma dos toureiros. Houve um grande toureiro, Ignacio Sánchez Mejías, poeta também (embora ignorado

porque destruiu os seus versos), amigo de Lorca e dos poetas da geração de 27 da poesia espanhola, que deu um dia uma conferência a pedido de Lorca, na Universidade de Colúmbia, e disse o que significava para si ser toureiro: era matar a morte e o demónio, porque o touro representava o demónio.

Desigual, a luta do touro. De que lado está?

Estou do lado do touro que sofre com medo daqueles artistas. O touro manso é um fenómeno tristíssimo. Não posso esquecer, no entanto, a elegância do nosso toureio a cavalo e dos pegadores que nunca dizem não ao perigo. Num país com tantos desistentes, sou sensível à pertinácia e à entreaajuda na equipa dos pegadores.

Pertence ao Grupo Lobo. Em Portugal já não há lobos para descerem ao povoado?

O Grupo Lobo procura que sejam preservados os últimos espécimes. Existem outros grupos no Norte. Se não fossem essas boas vontades, os lobos já tinham sido todos liquidados; temos apenas umas escassas dezenas.

Contaram-lhe, na meninice, histórias com o lobo mau?

O imaginário da minha infância deve muito aos contos da minha tia-avó, Ana de Castro Osório, mas não tenho

presente se ela tem algum conto em que o lobo seja inimigo, penso que não. No entanto, não quero arriscar...

Foi uma criança rebelde?

Julgo que não. Fazia ginástica (ainda hoje faço todos os dias). Jogava à bola. Era um rapaz que tanto gostava do Homero como do Vitória de Setúbal.

Um poema do livro *Bestiário*: «Criança que despeja um grilo, / pata a pata, / víscera a víscera, / da sua pequeníssima alma. / E não há quem refaça / o grilo e a criança». O mundo tende a continuar assim ou poemas como este poderão ajudar o grilo e a criança?

A poesia deve ser lida aos jovens, sempre que posso vou às escolas secundárias e às universidades. Se vivermos num mundo em que as crianças dão cabo dos ninhos de andorinhas, que nos resta?

Qual é, hoje, «o lugar do amor»?

O primeiro, como no livro com esse título.

Há um tempo específico para poemas de amor?

Não. O erotismo não tem idade.

E o imaginário?

O imaginário também não tem idade. Podemos encontrar poemas de amor num outro livro meu: *Adão, Eva e o Mais*.

Adão e Eva, a tentação...

Já estava na casa dos 50 quando escrevi esse livro. Continuo a escrever poemas de amor. Ao mesmo tempo, procurei compreender o que foi, por exemplo, o amor do Goya por uma mulher que pintou em dois quadros: a Maja desnuda e a Maja vestida, lado a lado, no Museu do Prado.

Que fruto lhe é mais apetecido?

Os que têm nomes femininos.

Magos e curadores, «profetas» necessários aos vazios?

Tento compreendê-los. São os mais extraordinários ilusionistas. Procuram salvar o próximo, libertá-lo das suas dores, do medo do futuro... Mereciam ser todos condecorados.

O circo continua a fasciná-lo?

Eis um dos espetáculos em que o homem é exímio, no entanto está em decadência. Dantes, os pais sentiam a obrigação de levar os filhos ao Coliseu para ver o circo. Agora...

Política, nunca o seduziu?

Sempre independente, nunca colaborei com nenhum poder. Tive várias solicitações e afastei-me de todas. Ainda bem.

Não quer comprometer-se?

O advogado é uma pessoa independente e o escritor também deve sê-lo. Não quer dizer que não aceite causas; estarei sempre na primeira linha a bater-me para que não se destrua a paisagem; para que se defenda o lobo; para que a paz exista entre os homens. O poder político, não o ambiciono. Mas sou alguém de espírito democrático e preocupado com a dignidade dos homens.

Autores de referência?

Homero, Dante, Camões, Cervantes, Montaigne, Shakespeare, Goethe, Tolstoi, Stendhal, Camilo, Pessoa, Thomas Mann, Montale e Malraux... Estava a esquecer-me de Rilke e Borges, de Drummond...

Escolhas musicais passam pelos nomes do poema *A Dívida*?

Sim: Vivaldi, Mozart, Beethoven, Bach, Schubert, Chopin, Albinoni, Cimarosa, Villa-Lobos, Rodrigo. Gosto muito, também, de cantigas de amor, de certas árias, de canto gregoriano, de espirituais negros.

Sei que prefere música de câmara, não é amante da grande sinfonia. Tem a ver com a essência da síntese, tal como verificamos na sua poesia não muito voltada para o poema longo?

Entre a *Quinta Sinfonia* de Beethoven e *Appassionata*, prefiro ouvir segunda vez a *Appassionata*.

Não é homem de solidões?

Não. Sou um homem capaz de trabalhar em equipa e até de dirigir uma equipa, o que não é fácil.

A escrita não acaba por ser, sempre, um ato de solidão?

Um ato pelo qual procuramos sair da solidão. Uma mão que se estende.

Com mais de uma dezena de livros publicados, o poema parece ser em si tão natural como a respiração. É o seu paraíso, uma espécie de purificação por meio da palavra?

É tudo isso, e ainda uma forma de sonhar de olhos abertos.

Cultiva uma poesia de partilha?

De partilha, de encontro e de afeto pelos outros.

Por que foi tentado a fazer uma «entrevista apócrifa», que inclui nos seus livros?

Porque tinha necessidade de fazer certas revelações, e a melhor forma, a mais direta, era a de entrevistar-me a mim próprio. Com as perguntas que eu queria fazer-me e dando as respostas por vezes inconvenientes mas verdadeiras.

Está a ser verdadeiro nesta entrevista?

Com toda a certeza.

Tem algum defeito que o incomode?

É difícil reconhecer o nosso defeito capital. Talvez o meu seja o da exigência de certeza; gostava de ser um homem de certezas e não de dúvidas.

Gostaria de uma certeza que absolvesse os homens da imperfeição?

É muito dura a nossa imperfeição.

Um poema para amanhã?

Deixe-me citar uma máxima de Leonardo da Vinci: *Não deveria desejar-se o impossível.*

© MARIA AUGUSTA SILVA